

*Estudos Literários & Comparados***IKU E SEUS EGUNS NO MODERNISMO NEGRO AFROATLÂNTICO  
DANÇA PARA O CENTENÁRIO DE MORTE DE LIMA BARRETO***Denise Carrascosa\**

**RESUMO:** Este texto ensaia uma dança iansânica na espiral de um tempo que experimento chamar "portal de memória", metodologia origráfica que revela as forças AfroAncestrais do Orixá Iku e seus Eguns na Literatura Negra Brasileira e Afrodiaspórica. Com um cuidado inicial e iniciático, coreografo voltas em torno do Egun de Lima Barreto em seu centenário de morte.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura Negra Brasileira; Lima Barreto; Iku, Eguns.

---

\* Doutora em crítica literária e cultural pela Universidade Federal da Bahia (Ufba). Professora Associada da Universidade Federal da Bahia. Tradutora literária, advogada. Realizou estágio de pós-doutoramento em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas (UFRB). Lidera o projeto de pesquisa "Traduzindo no Atlântico Negro e coordena," há 12 anos, o projeto de extensão *Corpos Indóceis e Mentes Livres*: trabalho de produção de oficinas de leitura e escrita literárias no Conjunto Penal Feminino do Complexo Penitenciário Lemos Brito, na Bahia, onde construiu, junto com mulheres presas sentenciadas, a Biblioteca Mentes Livres (2013), possibilitando remição de pena pela leitura. Autora do livro *Técnicas e Políticas de si nas margens: literatura e prisão no Brasil pós-Carandiru* (2015); co-autora de *Cartografias da subalternidade: diálogos no eixo Sul-Sul* (2014); organizadora de *Traduzindo no Atlântico Negro: cartas náuticas afrodiaspóricas para travessias literárias* (2017). Tradutora literária do livro de poesia *Quilombellas Amefricanas* (2021). Participa do Conselho Editorial da Editora Ogum's, editora negra baseada em Salvador-BA, onde nasceu e vive como Filha de Oyá.

De que tempo-lugar conto? Desde um “*portal de memória*”, quero dizer: uma enxuzilhada de sete movimentos (alguns invisíveis) de um corpo em dança a homenagear seus Eguns e a encantar Iku para afastar a má morte.

Um domingo de setembro na Casa de Vó  
Curuzu - Salvador/BA  
1981



Foto do Arquivo de Família – minha família na ladeira do Curuzu, em Salvador, em 1981 – pequena parte dela uma *Família de Axé* vinculada ao terreiro de minha Tia-Vó na Cidade Nova, roça construída na primeira metade do século XX. Onde Orixás, Caboclos e Eguns circulavam sob os pés de um imenso e secular *Iroco* – *Árvore-Tempo* onde nossas cabeças eram cuidadas. As casas do Curuzu e da Cidade Nova, cabaças de Vó e TiaVó, ainda agora, permanecem sob sua sombra sagrada.



Foto do Arquivo de Família – Eu e minha Vó – 27 de setembro de 1979 – *Ibejis*

Vó me criou em meus primeiros 7 anos de vida e sobreviveu às sucessivas internações de meu avó, um homem negro e pobre, natural de Salvador, no Hospital Psiquiátrico Juliano Moreira, fundado aqui em 1874 (anterior Asylo São João de Deus que ficava no bairro do Engenho Velho de Brotas). Ela fica viúva quando meu avó se suicida no início do século 20, não sem antes conceber com ele 3 filhas mulheres negras e 1 filho homem negro. Este filho, meu pai, torna-se estudante na faculdade de direito da Universidade Federal da Bahia e passa a advogar voluntariamente, na década de 70, para homens negros presos. Este homem, meu pai, que morreu muito jovem e que me ensinou uma série de histórias de homens libertos, que ele me fazia ouvir em seu escritório na Praça da Sé, no Centro da Cidade, muitas vezes, da boca destes mesmos homens que ele ajudara a libertar. Foi a meu pai que dediquei minha tese de doutorado sobre Literatura e Prisão no Brasil pós-Carandiru, defendida em 2009.

**Posiciono o corpo na base deste “Portal de Memória”,** onde acontece a presença forte da loucura, do suicídio e do presídio (aparato ostensivo da necropolítica contra as existências negras em nosso país), mas também, porque é *Portal*, revela as presenças e passagens de Entidades Sagradas, de Orixás, Caboclos e Eguns. Falo por que minha mãe ancestral é *Iansã*, a rainha dos nove portais, das nove passagens. Aquela que pariu os 9 Eguns e cuida dos 9 Oruns, através de 9 Saias. Aqui, peço a devida licença para falar de um deles, que estamos a homenagear em seu centenário de morte: Lima Barreto.

Faço alguns volteios necessários nesta espiral de nossas memórias coletivas em curso antes de me dirigir à presença de Lima em um “*Cemitério dos Vivos*”.

## 1 Volteio de fundamento

**Wole Soyinka.** Dramaturgo Yorubano. Primeiro Prêmio Nobel Negro e Africano. Em seu livro de 1976 – Mito, Literatura e o Mundo Africano – concebe o conceito de “*Teatro Ritual*”, executando uma profunda crítica filosófica às matrizes ocidentais do pensamento sobre representação literária, ou à *mimesis* no sentido aristotélico. Neste texto, estudando as formas trágicas africanas, ele elabora um intensivo pensamento sobre a ontologia dos povos *Yoruba*, a partir do entendimento de que nossa existência é constituída e constituinte de uma arena de forças cósmicas que entram em conflito agonístico continuamente. A subjetividade humana se torna ininterruptamente um feixe de atravessamentos cosmogônicos tão mais imenso que nós, que nunca deixamos de nos perguntar enquanto estamos sobre o palco vida: sobreviveremos a esta arena de transformações incessantes e perigosas?

Os gestos que mediam a entrada de nossos corpos neste espaço bélico performam o ritual. Toda **performance ritual** (e aqui estou conversando com a Profa. Leda Maria Martins

que conversou com Soyinka em sua tese *A Cena em Sombras*, 1995) constitui um modo catártico de entrar em contato com forças ctônicas e religar-se a esferas profundas da inconsciência ancestral do planeta e de nossas comunidades.

## 2 Volteios na corda para asfixiar a garganta cartesiana da modernidade

Aí está, no espaço do diálogo negro-atlântico entre Soyinka\_Martins, o coração de uma diferença com a cabeça-ocidente, forjada por um platonismo cristianizado. Enquanto para as Civilizações Africanas em sua múltipla dispersão, o ser humano precisa ter a coragem de viver suas desmedidas, encontrando sua força vital nas zonas abissais, a Grécia antiga ensinou ao homem que a desmedida era um perigo. E que a medida humana não-bárbara constituía o limite de sua *mimesis*: forma de produzir em cadeia arte do corpo morto pela razão ocidental.

Esta razão exclui para as bordas toda força que descabe, extravasa desta medida. Tem *terror* dos mortos, dos insanos, dos prisioneiros e uma piedade de fundo pelo transcendente ao corpo, pelo saber longínquo hierarquizado e hierarquizante. Os seus processos de *canonização e hagiografia* fazem o elogio incessante destas formas de poder-saber: controle, vigilância, governabilidade de uma epistemologia que inventou o louco, o fantasma, a alma, o inconsciente. Modos aparentemente eficientes de constituição das nações, suas línguas oficiais, suas historiografias oficiais, seus territórios oficiais, suas constituições federais, suas fronteiras...em uma palavra: “*a modernidade*”.

## 3 Volteios em torno de um perguntar alto: (sobreviveremos?)

Uma linha de investigação crítica que tenho percorrido no pós-doutorado em história social da escravidão, com a supervisão da historiadora e professora Luciana Brito (UFRB), escrutina, no arquivo colonial, processos criminais do século XIX na Bahia, contra mulheres negras, africanas, escravizadas e libertas. Meu gesto interpretativo arquitetou uma série narrativa que me seduz cada vez mais: **FUGAS**.

*Ausência dos testemunhos destas mulheres.* Há narrativas criminais nestes processos estabelecidas sobre a ausência absoluta de seus testemunhos. Ouvimos as vozes da classe senhorial, de seus delegados, investigadores, oficiais de justiça, policiais, capatazes... projetando uma linha narrativa em regime de continuidade com os processos criminais contemporâneos contra mulheres negras pobres aqui na Bahia. Dos corpos das mulheres perseguidas vemos vestígios, sombras, correrias. Corpos que não desejam ser encontrados e, em seu desejo, re-humanizam-se em uma agência ativa de projetos de liberdade os mais variados e ilegíveis pelo arquivo colonial. Uma dessas minhas irmãs *foge com um gambo sorridente...*

*Dei de fabular e encontrei Joana...*

Pois estes corpos animalizados pelo processo de caçada colonial-escravista deixou rastros legíveis à escritura negra de Maria Firmina dos Reis, que, desde um arquivo morto e mortífero, perlabora a voz de Joana, abrindo seu conto *A escrava* (1887) com a coragem de uma mulher em fuga dentro da mata. Joana narra - do leito de morte - sua história da escravidão; conta - sob as bençãos de *Iku* e seus horizontes além-nação - suas peripécias de libertação; escreve, com a voz que migra entre mundos, o testamento de emancipação de sua linhagem.

*Dei de pesquisar e encontrei...*

A presença do *Egum-Narrador* de Machado de Assis em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1886).

A presença do canto fúnebre de Jubiabá na peça *Sortilégio* de Abdias Nascimento (1951).

A linguagem proverbial da obra de Carolina Maria de Jesus, em especial, em seu arquivo de provérbios, na iminência da morte física e social na arena trágica de sua condição existencial de mulher negra na São Paulo das décadas de 50 e 60<sup>1</sup>.

A presença de visagens de ancestrres em *Becos da Memória* (1986) de Conceição Evaristo, intensificada em *Histórias de Leves Enganos e Parecenças* (2016), a perder de vista no longo conto-cantiga *Sabela*.

A presença da Avó e da Irmã *Ibeji* de Keindé, Taiwo, ao longo das mais de mil páginas da narração transecular e transatlântica de *Um defeito de Cor* (2006) de Ana Maria Gonçalves, assim como dos filhos *Abiku*.

As aparições do Avô de *Bará* (2015), portal entre-tempos rituais nas narrações da trilha do vento de Miriam Alves.

A narradora Mwana de Eliana Alves Cruz em *O Crime do Cais do Valongo* (2018), que tem um saber histórico espiral através do mundo dos mortos, que vela e desvela verdades.

A dobra terceira da narrativa na voz de Santa Rita Pescadeira, a entidade narradora em *Torto Arado* (2019) de Itamar Vieira Junior.

---

<sup>1</sup> Agradecimento amoroso à intelectual professora Fernanda Miranda pelo envio generoso do arquivo.

O Velho Angular e O corpo Fin do fundo de um tumbeiro que narram os deslimes da vivência em um quarto confinado da história na iminência de um gesto duplo suicida, em *Um corpo à deriva: dança* (2020) de Edimilson de Almeida Pereira.

Inventário que flui transnacionalmente através das rotas mais inusitadas entre muitas Áfricas e AfroDiásporas, estas escrituras de literatura negra performam de modos esteticamente múltiplos a arena de forças agonísticas que constituem nossas subjetividades, nossas relações com as comunidades de que proviemos e nosso mergulho em processos catárticos que nos colocam em contato com forças ancestrais que nos movem. Nesta arena de perigosas transmutações, sobreviveremos? – essa *literatura -performance-ritual* nos interroga.

### Volteio em torno do Egum de Lima para encantar Iku

Orixá, isto é, uma divindade. Aquela divindade encarregada de desvencilhar o corpo das pessoas que habitam uma comunidade do restante daquilo que as faz ser pessoas, para que elas possam seguir na comunidade como ancestrais (...) Assim, Iku, a morte, não é entendida como um processo que rompe nossa pertença à comunidade. Ela a transforma. Passamos da condição de vivos à condição de ancestrais mortos-viventes que pertencem à comunidade, vivendo na memória das pessoas e também no espaço comunitário, no qual, como ancestrais, nos comunicamos, nos alimentamos, agimos (NASCIMENTO, 2020, p.31)

Assentadas nesta concepção afrocêntrica, o saber lidar com Iku atua na contracorrente da Necropolítica (MBEMBE, 2018) dos projetos (trans)nacionais violentos baseados nas

relações entre o capitalismo, o racismo, a xenofobia e o patriarcado instaurados em torno da figura do inimigo, esse símbolo privilegiado nas relações sociais em tempos nos quais a sociabilidade é hegemonicamente beligerante e o ódio é o afeto que marca parte importante de nossos contatos com o mundo público (NASCIMENTO, 2020, p.31)

Tenho dito desde 2009, desde a defesa da tese de doutorado sobre literatura e prisão que Lima Barreto precedeu em décadas o filósofo francês Michel Foucault em profundidade de mergulhos no campo do escrutínio minucioso e lúcido sobre regimes modernos de poder, como a invenção da loucura e do criminoso, na intersecção com as questões de raça, classe e nação.

Em seu *Cemitério dos Vivos* – anotações de 1920 desde as memórias do Hospital Nacional de Alienados no Rio de Janeiro, no qual esteve internado entre 1919 e 1920, Lima Barreto executa vigorosos gestos de uma “IkuPolítica” contra a “NecroPolítica”: aceitando a

Boa Morte e suas transmutações espirais, luta contra a Má Morte que o Estado impõe contra o corpo-comunidade de pessoas negras pauperizadas, enlouquecidas e criminalizadas, nos processos de construção do estado-nação brasileiro, entremeados com as disputas de narrativas pelos sentidos de *abolição e república*.

O fôlego do seu exercício em *Cemitério dos Vivos* constitui um trabalho experimental na forma da autorreflexão estriada pelos sulcos profundos de uma linguagem que se aventura nas regiões fronteiriças entre sanidade e loucura, mas sobretudo, na capacidade agonística do mergulho numa zona de forças agonísticas superiores à medida humana criada pelo moderno. Um violento esticar de corda desta medida. Um rasgar de bordas. Um olhar africanamente trágico sobre as consequências desta medida, ainda que infligidas ao próprio corpo do escritor. Uma performance ritual de dançar com *IKU* e convocar forças ctônicas para olhar nos olhos da necropolítica da modernidade brasileira do início do século XX e desafiá-la com o “maravilhoso” através de uma forma de política ancestral milenar enfeitada pela linguagem:

Eu sou dado ao maravilhoso, ao fantástico, ao hipersensível; nunca, por mais que quisesse, pude ter uma concepção mecânica, rígida do Universo e de nós mesmos. No último, no fim do homem e do mundo, há mistério e eu creio nele. Todas as prosápias sabichonas, todas as sentenças formais dos materialistas, e mesmo dos que não são, sobre as certezas da ciência, me fazem sorrir e, creio que este meu sorriso não é falso, nem precipitado, ele me vem de longas meditações e de alanceantes dúvidas (...) Cheio de mistério e cercado de mistério, talvez as alucinações que tive, as pessoas conspícuas e sem tara possam atribuí-la à herança, ao álcool, a outro qualquer fator ao alcance da mão. Prefiro ir mais longe...

(BARRETO, 2001, p. 1388)

### **Negros Volteios para assombrar o Moderno. Uma definição plausível para Modernismos Negros?**

Modern – ismos. Um elogio ao moderno. Uma extensão do Moderno. Uma iconografia ereta do moderno. Com o artigo masculino definido na frente.

Se as escritas negras inscreveram suas peles da cor da noite na literatura assim chamada “modernista brasileira”, *afrografaram* (MARTINS, 1997) um duplo gesto entre acariciá-la e asfixiá-la: com seus Eguns, Suas Visagens, Seus Provérbios de tempos espiralares de memórias abismais.

Como nos ensina Muniz Sodré (2005), toda Cultura Negra na Diáspora é de duplo gesto, atua por um regime de dobra dos poderes constituídos. O moderno brasileiro-europeu cria as suas medidas, canonizáveis. Os modernismos negros fazem girar, nestas medidas, suas

desmedidas. Ainda que, neste jogo incessante, as tensões prisionais, entre epistemicídios, enlouquecimentos e crimino-lógicas, abundem.

### Volteio Final para o Egum de Minha Avó

*Natália Carrascosa segura minha mão e aqui comigo escreve em um atemporal 27 de setembro. Bejeró! Salve Ibeji! Que o terceiro invisível nos proteja e ensine a transformar bala de fogo em bala de mel!*

*Salvador, 27 de setembro de 2022.*

### IKU AND HIS EGUNS IN BLACK AFROATLANTIC MODERNISM DANCE FOR THE CENTENNIAL OF THE DEATH OF LIMA BARRETO

**ABSTRACT:** This text rehearses an iansanic dance in the spiral of a time that I try to call "memory portal", an origraphic methodology that reveals the Afro-Ancestral forces of the Orixá Iku and the Eguns in Brazilian Black and Afrodiasporic literature, with an initial and initiatory care, I choreograph turns around the Egum of Lima Barreto in his death centenary.

**KEYWORDS:** Black Brazilian Literature; Lima Barreto; Iku, Eguns.

### REFERÊNCIAS

- ALVES, Miriam. *Bará: na trilha do vento*. Salvador: Ed. Ogum's Toques Negros, 2015.
- ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Ed. José Aguilar, 1962.
- BARRETO, Lima. *Prosa seleta*. Eliane Vasconcellos (org.). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001.
- CRUZ, Eliana Alves. *O crime do cais do Valongo*. Rio de Janeiro: Ed. Malê, 2018.
- EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. Santa Catarina: Ed. Mulheres, 2013.
- EVARISTO, Conceição. *Histórias de leves enganos e pareências*. Rio de Janeiro: Ed. Malê, 2016.
- GONÇALVES, Ana Maria. *Um defeito de cor*. Rio de Janeiro, São Paulo: Ed. Record, 2006.
- JESUS, Carolina Maria de. *Provérbios*. Arquivo Público Municipal Cônego Hermógenes Cas-simiro de Araújo Bruonswik. Fundo Carolina Maria de Jesus. APMS 04.02.09. Fundação Biblioteca Nacional. Coleção Carolina Maria de Jesus.
- JUNIOR, Itamar Vieira. *Torto Arado*. São Paulo: Todavia, 2019.
- MARTINS, Leda Maria. *A cena em sombras*. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- MARTINS, Leda Maria. *Afrografias da memória: o Reinado do Rosário do Jatobá*. São Paulo: Perspectiva, Belo Horizonte: Mazza, 1997.
- MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte*. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- NASCIMENTO, Abdias. *Sortilégio*. São Paulo: Perspectiva, 2022.



NASCIMENTO, Uã Flor. Da Necropolítica à Ikupolítica. Revista Cult, São Paulo, n. 254, p.29-31, fev. 2020.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. *Um corpo à deriva: dança*. Juiz de Fora: Edições Macondo, 2020.

REIS, Maria Firmina dos. A escrava: conto. In: REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula: romance*. Belo Horizonte: Ed. PUC-Minas, 2018.

SODRÉ, Muniz. *A verdade seduzida: por um conceito de cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

SOYINKA, Wole. *Myth, Literature and the African World*. Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

*Recebido em: 19/10/2022.*

*Aprovado em: 20/03/2023.*